

**ANÔNIMO(A) SERVIDOR(A) DO DEPARTAMENTO JURÍDICO DA ITAIPU:
ENTREVISTA CONCEDIDA A COLABORADOR(A) DA COMISSÃO
ESTADUAL DA VERDADE DO PARANÁ - TERESA URBAN¹**

ANÔNIMO(A): “Mandeí umas fotos aqui das ocas dos índio que nós queimava aqui, mas tem muito mais aqui e os trabalhos da Itaipu aqui também, onde a gente tá aqui, os cemitérios tudo eu tenho muita coisa pra mostrar pra vocês depois.”

ANÔNIMO(A): “É o seguinte, aquela história dos índios lá, eles foram colocados lá numa área, antigamente essa área era do Santo Guilherme, chama-se Ocoy a área, era Ocoy Aí foi vendida essa área pra uma família de alemães, gaúchos alemães e depois vieram outras famílias, porque era tudo mato lá, sabe? E aí o pessoal, amigo desse gaúcho, desses alemães gaúchos trouxeram mais família e tal e compraram essa área, povoaram essa área ali, né? Onde era do Santo Guilherme, né? Que era puro mato ali e aí então formou o lago e depois do lago que surgiu quase que uma ilha, é uma península, faltou um pouquinho pra ilhar. Daí como a Itaipu tem uma área de reserva de 100 metros cada lado aí claro que ia sair uma ilha aí formou uma ilha lá e foi lá que foi mandado esses índios pra la, Itaipu mandou pra la esses índios, esses coitados desses índios vamos falar assim, né? Porque eu me lembro quando eu fiz a mudança deles eu levava as panelas as coisaradas deles e eles iam atrás da caminhonete assim correndo, andando junto comigo, entendeu?”

ANÔNIMO(A): “Agora, tem muitas outras coisas também, né? É o seguinte, isso aí é uma coisa muito longa, é um negócio que tem que falar um dia inteiro sobre isso, sobre a construção dessa obra da usina da Itaipu. Claro, eu era funcionário a gente não gosta que fale mal da Itaipu, mas lógico muitos moradores da época no local, você faz uma casa pra você morrer de velho numa casa, você vai ser desapropriado, lógico que você vai querer um outro preço, não é aquele preço que te oferecem, você quer um preço justo, um preço próprio, uma construção que você construiu pra você.”

ANÔNIMO(A): “Teve muitas greves, tem fotografia aqui teve greve também na Itaipu com os donos das terras, tem as gravação, acho que na Itaipu tem muita gravação dos padre contrariando a Itaipu por tirar esse povo daqui. Tem muitas coisas, né? Que foram feitas, que foram mal planejadas, mal feitas,

¹ Trata-se de funcionário(a) da ITAIPU que atuou no Departamento Jurídico desta entre final da década de setenta e início dos anos oitenta. Entrevista concedida sob condição de sigilo nos termos Lei 12.528/2011 que criou a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República. Esta lei, determina, especificamente em seu artigo 5º que “As atividades desenvolvidas pela Comissão Nacional da Verdade serão públicas, exceto nos casos em que, a seu critério, a *manutenção de sigilo* seja relevante para o alcance de seus objetivos ou para resguardar a intimidade, a vida privada, a honra ou a imagem de pessoas.” No âmbito da Comissão Estadual da Verdade – Teresa Urban, criada pela Lei n. 17362/2012, em seu artigo 6º “A Comissão Estadual da Verdade do Estado do Paraná, com a finalidade de exercer suas competências, descritas no artigo 2º desta Lei, poderá: I - receber testemunhos, informações, dados e documentos que lhe forem encaminhados voluntariamente, *assegurada a não identificação do detentor ou depoente, quando solicitada*; [...]”. Entrevista concedida a colaborador(a) do GT Violações no Campo e contra Povos Indígenas. Transcrição feita em 01/09/2016.

né? Muitas coisas, então isso aí tem que falar um dia inteiro sobre isso, mas a gente tem que ir lembrando das coisas, né? Porque já faz muito tempo e eu já to meio velhinho, já to meio esquecido to meio tonto, então tem que ver isso aí.”

ANÔNIMO(A): “No caso dos cemitérios, teve um cemitério aqui de uns indígenas e era índio mesmo de verdade era índio caboteiro velho que nascia lá no fundo da terra, sabe? Morava debaixo das pedras aqui, porque tinha muitas ocas na barranca do rio porque a barranca do rio era quase um cânion, formava 50 metros de barranca de rio e tinha muitas pedras nesse local até aqui Guaíra são 120 km, e tinha os índios que morava debaixo das pedras, os malucos que morava debaixo das pedras lá em Porto Mendes na época da mate laranjeira que vinha erva de São Paulo pra ir pra Argentina, pra Uruguai e tal, passava tudo pelo rio e lá em Guaíra como tem as quedas eles desviavam por aquelas estradas, estradas de ferro lá que eu não lembro o nome dela agora, só me lembro daquela que o nome é Madeira-Mamoré, mas essa aqui agora não lembro o nome, por isso que às vezes a gente tem que pensar pra lembrar dessas coisas, já faz muito tempo isso aí. Então esses índios moravam debaixo dessas pedras, pescavam aqueles dourado, aqueles jaú. Uma vez nós fomos contatar com um índio lá, ele tinha um jaú de 60 kg amarrado lá num cabo de aço, aí comprou o peixe dele, ele tinha peixe seco lá, ele comia peixe seco assim, sabe? Então tem essas coisas aí. É engraçado a história, mas também não é de uma hora assim pra outra que a gente vai falar tudo isso, tem que ir lembrando tem que ir vendo. Porque lá em Porto Mendes lá tem um poço lá que dá mais de 100 metros de água naquele tempo, hoje dá 300 metros de água, porque tem mais 120 de altura hoje a usina, então essas coisas tem que ter tempo pra isso.”

ANÔNIMO(A): “Esse negócio aí dos índios é o seguinte. e esses índios eles não são índios coisa nenhuma, isso é uma cambada de safado sem vergonha, entendeu? A Itaipu pagou mais do que devia pra eles, levou eles pra uma terra boa. Não foi assim igual levar uns caras ricos, lógico, né? Índio tem que tratar no cacete, porque eles não gostam de coisa delicada. Agora acontece o seguinte, esse negócio que nós fazia aí, churrascada pra eles e levava comida, churrasco, linguiça. O doutor Paulo Cunha, o doutor Marcos, a doutora Marisa, eu, o Gimenez, o Rubens. Nós ia fazer, jogava com eles lá, eles eram tudo mais uns paraguaios malacos.”

ANÔNIMO(A): “Então, é por lado do Paraguai não dava pra levar eles de caminhão porque tinha um rio, né? Como é que ia passar o rio? Agora é o seguinte, eles queriam receber sei lá, quanto é que a Itaipu pagou, nem sei, mas foi pago tudo aqueles barracos deles lá, aquelas ocas deles lá, foi pago tudo, porque não era casas boas que nem aquelas que nós tava queimando não, só tinha umas paredes assim, entendeu? Era tudo uma cambada de safados esses índios, eu não gosto deles não”.

ANÔNIMO(A): “Mas aí é o seguinte, eles queriam só...É, chegavam a parar carro na estrada ali

pra pegar dinheiro, pra pedir dinheiro pra gente, entendeu? Eles não trabalhavam, não faziam nada e esse negócio de comida, de vez em quando a gente levava essas carnes, fazia essas churrascada com eles lá, cada mês a gente fazia isso com eles lá. Então eles ficaram muito contentes de sair de lá ondes eles tavam, porque lá onde eles estavam não tinha condições, eles não tinham nem um barraco bom pra morar. No frio eles passavam muito frio, eles tinham que vir pra cidade pedir coberta, pedir coisas, que ninguém dava nada pra eles, que eles não eram índios, eles eram paraguaios. E aí a binacional, a Itaipu pagou eles, levou eles, fez casas boas pra eles e tem rancho também, mas tem escola tem tudo lá onde eles estão. Essa gleba Avá-Guarani ali em Santa Rosa, no Ocoy, eles tem tudo lá o que eles querem, menina, não tem mais nada pra eles, não, chega de tratar de vagabundo.”

ANÔNIMO(A): “Então, uma coisa que foi feita com os índios, eles não queriam sair de lá, né? Eles não queriam sair de lá, então, a diretoria da Itaipu, é desapropriação, ninguém tem que querer as coisas, aqui é igual a lei do coronelismo, não tem que querer, se não vai morrer afogado, vai ter que sair de igual. Então a gente fez a mudança deles tudo, né? Eles não queriam sair de lá, e aí o pessoal ia lá levar cenoura, batata, banana pra eles, agradar eles, entendeu? E aí até, tinha uma campinho de futebol lá, o doutor Paulo Cunha que era o diretor-geral da Itaipu, da desapropriação, da área jurídica de desapropriação ele levava carne lá, linguicinha, nós fazia churrasco lá com os índios, jogava bola com os índios, entendeu? Não, ninguém maltratou eles não.

ANÔNIMO(A): “Agora, eles não queriam sair de lá, lógico, né? Eles tavam lá no lugar deles, na barranca do rio, eles iam pra outro lugar diferente não sabiam ainda que era lá naquela terra lá do Ocoy, do antigo, no Santo Guilherme lá, então essas coisas aí, eu sei, eu acho que foi bem tratados os índios, ninguém tratou eles mal, não. Só que foi feito assim igual antigamente, né? Não é igual dar banana pra cachorro, linguiça pra cachorro, é igual banana em boca de velho, entendeu? É assim que foi tratado os índios. Eu acho que, eu não sei, índio pra mim, eu já não gosto muito de índio, mas índio pra mim tem que viver na Amazônia, né?”

ANÔNIMO(A): “Mas, hein? Então é o seguinte, como é que nós ia meter fogo com os índios lá embaixo, menina? É o seguinte, Itaipu pagou os índios, nós fizemos a mudança deles, eles foram correndo atrás da caminhonete, amarramos as panelas na caminhonete, que não cabia mais de tanta tranqueira, chapa velha, lata velha que eles faziam como chapa. Eles eram uns miseráveis, eles não tinham nada, eles não eram índios naquela região. Depois que surgiu o negócio de Itaipu, tal, que daí Itaipu descobriu eles ali falando que era os índios